

O homem que calculava – vida e obra

Maria Theresa Cavalheiro

Revista Leitura, São Paulo, setembro de 1991

.....

Personalidade atraente, conversador, simples, sempre pronto a contar história, conferencista envolvente e carismático, professor anticonvencional e dedicado – assim era Malba Tahan, que por mais de uma geração a todos encantou com seu talento de escritor e de mestre, principalmente por seu livro mais lido, O homem que calculava, até hoje um campeão de vendas.

Conseguiu uma verdadeira proeza: conciliar sua vida de professor de Matemática, cujo ensino soube tornar agradável e divertido, e a de contador de histórias, legando-nos mais de cento e vinte livros publicados, alguns com uma dezena, uma vintena e até uma trintena de edições, e ainda outros inéditos.

Viveu ativa e intensamente, sempre interessado por tudo, escrevendo também para jornais e revistas, e morreu, de repente, como queria, em plena ação. O número de apreciadores de seus livros é imenso, e não só de jovens. Sua obra tem um sentido místico, e, através dela, Malba Tahan sempre procurou ensinar, instruir, ao mesmo tempo em que buscava divertir. Criou métodos de ensino próprios, depois chamados “lúdico-didáticos”, tirando da Matemática a fama de matéria difícil ou desagradável. Usava de ardis durante as aulas para que seus alunos memorizassem as fórmulas matemáticas, tornando as lições leves e fáceis. Escreveu livros que tanto servem para alunos como para professores, e, para estes, ministrou também muitos cursos, ensinando a maneira mais fácil de ensinar. Seu nome, Malba Tahan, revestiu-se de lenda.

Malba Tahan, porém, não era o seu verdadeiro nome. Nem ele era árabe, como até hoje muitos pensam, apesar de conhecer profundamente a filosofia oriental, o islamismo e os costumes das terras do Oriente. Todo esse conhecimento lhe veio dos livros, de pesquisas que realizou, de ensinamentos que lhe advieram de um amigo árabe. Nem ele nunca pôde ir à região arábica. Quando muito, chegou certa vez até a Espanha e, de Algeciras, divisou ao longe a costa de Marrocos.

Seu nome real era Júlio César de Mello e Souza, um brasileiro. Mas soube impregnar sua literatura de forte exotismo oriental. E não só isso. Ele criou Malba Tahan como personagem autônoma: escreveu-lhe até uma biografia fictícia, a todos fazendo crer, por longo tempo, que aquelas histórias que escrevia eram traduzidas de um famoso escritor árabe, de nome Ali Izz-Edim Ibn Salim Hank Malba Tahan, nascido em 6-5-1885 na aldeia de Muzalit, perto da antiga cidade de Meca, e que morrera lutando no deserto ao lado de sua tribo. Na edição de seus livros, em que punha data mais antiga, colocava até o nome de pseudotradutor.

Muitos de seus admiradores deram nome de Malba a seus filhos, e várias bibliotecas e escolas foram denominadas “Malba Tahan”.

E por que toda essa mistificação? Em depoimento ao Museu da Imagem e do Som, no Rio de Janeiro, o próprio escritor declarou que chegara à conclusão de que “ninguém é profeta em sua própria terra”, e já anteriormente usava outro pseudônimo.

Júlio César de Mello e Souza trabalhava no jornal O Imparcial, daquela cidade, um caminho que julgava encontrar para a publicação de seus escritos. Certa vez, em 1918, apresentou cinco de seus contos ao editor, que os deixou sobre a mesa, com um peso em cima, por vários dias, sem deles tomar conhecimento. Então ele pegou os contos e neles colocou o pseudônimo de R. S. Slade, dizendo ao editor que aqueles eram contos que traduzira de um escritor de sucesso em Nova Iorque. E no dia seguinte um dos contos, “A Vingança do Judeu”, saiu no jornal com grande destaque. “Ai eu descobri que era preciso mistificar” – disse ele. Pelo mesmo motivo, achou que um escritor brasileiro não faria sucesso assinando contos orientais com seu nome verdadeiro. Assim, resolveu criar a personagem Malba Tahan (em árabe, com agá aspirado), com que se tornou célebre. Um nome apropriado, pois os árabes são famosos pelos seus contadores de histórias. Para o sobrenome, inspirou-se no de uma de suas alunas: Maria Zachsuk Tahan. Tahan significa “moleiro”, “aquele que prepara o trigo”. Quanto a “Malba”, filósofos e arabistas não são unânimes sobre o seu significado. Segundo Niebuhr (Description de l’Arabie, Paris, 1756, II vol., p. 304), teria havido no Iêmen (Arábia) um pequeno oásis de nome Malbher ou Mabher, e daí, a origem Malba. Para o Professor Jean Achar, o nome do oásis seria Malbhe. O Professor Ragy Basile diz que Malba é palavra de origem persa. Segundo o Professor Jamil Safady, o significado de Malba seria “aprisco”. Para o poeta libanês Assad Bittar, Malba, em árabe, designa a raiz de uma planta da família das marantáceas, de que se extrai uma farinha alimentícia. Aceitou-se, habitualmente, traduzir Malba Tahan como “o moleiro de Malba”.

Malba Tahan, no depoimento ao MIS, disse que preparou a mistificação durante sete anos, de 1918 a 1925. Leu o Alcorão e o Talmude, tomou aulas de árabe com o Professor Jean Achar. Então procurou o jornalista Irineu Marinho, diretor de A Noite, dizendo que queria surpreender o Brasil com uma mistificação literária. Sua idéia era inventar um escritor árabe e publicar contos orientais educativos. Irineu Marinho leu dois ou três contos e achou a idéia interessante. Recomendou ao seu secretário Euclides de Mattos que publicasse na primeira página de A Noite os contos de Malba Tahan, precedendo-os de uma biografia apócrifa, sob o título de “Contos das Mil e Uma Noites”. Irineu Marinho jamais revelou a pessoa alguma, nem mesmo a Euclides, o segredo da mistificação literária, da qual fora não só cúmplice como o grande responsável. E, em 1925, saiu o primeiro livro do escritor: Contos de Malba Tahan.

O escritor e matemático acreditava na Numerologia e, ao escolher seu pseudônimo, fê-lo de acordo com essa ciência, para ter sorte em suas publicações. O que, de fato, aconteceu, pois teve muito sucesso em seus empreendimentos literários. Júlio César de Mello e Souza era de tal forma conhecido pelo pseudônimo que este, por decreto do Presidente Getúlio Vargas, pôde até ser utilizado, ao lado do nome verdadeiro, em sua carteira de identidade. E usou, ainda, em suas histórias, um outro pseudônimo: Melusa.

Desde criança Malba Tahan tinha profundo interesse pela cultura árabe. Seu livro preferido era As Mil e Uma Noites que inspirou os contos que escreveria mais tarde. Costumava dizer: “Nada interessa mais ao homem do que uma boa história”.

Júlio César de Mello e Souza nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 6-5-1895, mas passou toda a infância na bucólica cidade paulista de Queluz, que está ativando, de maneira concreta e eficiente, a sua memória. Era o quinto dos nove filhos do casal João de Deus de Mello e Souza, filho de portugueses, e Carolina Carlos de Mello e Souza, “paulista de quatrocentos anos”. Em Queluz, João de Deus fundou o um Colégio com seu nome, e nessa cidade se casou com a professora Carolina, conhecida por “Sinhá”, sobrinha do tabelião Francisco Carlos de Silveira, que era também maestro. Quando o casal já tinha três filhos nascidos em Queluz, João de Deus fechou o seu Colégio e se transferiu para o Rio onde nasceram mais três filhos, um dos quais Júlio César, o futuro Malba Tahan.

A família voltou para Queluz e enfrentou grandes lutas e dificuldades, o que prejudicou a saúde de João de Deus. Sua esposa conseguiu reintegração no magistério e mantinha a escola na sala de visitas da própria casa onde também estudavam os filhos.

João Baptista, o filho mais velho, que depois também se tornou escritor com o nome de J.B. Mello e Souza, em seu comovente livro Meninos de Queluz (Prêmio Joaquim Nabuco da Academia Brasileira de Letras), conta que o irmão Júlio César tinha atração pelas procissões, e sonhava em ser um seu dirigente quando crescesse. Porém, no que mais se realizava, era como contador de histórias, em tertúlias alegres que os “filhos da professora” organizavam para outros alunos da escola. João Baptista publicaria mais tarde numerosos livros, como o já mencionado, e Canções da Escola e do Lar, Histórias do Rio Paraíba e outros.

O pai incumbiu João Baptista de preparar o irmão Júlio César para o exame que faria para ingresso no Colégio Militar, do Rio de Janeiro, no qual foi matriculado em 1906, aí permanecendo por três anos. Mas o jovem desistiu da carreira militar e, em 1909, transferiu-se para o Colégio Pedro II, com uma bolsa de estudo; aí lhe veio a idéia de ser professor.

A essa época, começaram a despertar-lhe os dotes de escritor: Júlio César fazia, ao pagamento unitário de quatrocentos réis a dez tostões, redações de Português para colegas que tinham sempre nota baixa na matéria, nas aulas do

Professor José Júlio da Silva Ramos. Mas seu primeiro salário fixo fora, ainda bem jovem, como servente e depois auxiliar interino da Biblioteca Nacional. Posteriormente, fez o Curso de Professor Primário na antiga Escola Normal do antigo Distrito Federal, atual Instituto de Educação.

Em 1913, Júlio César se matriculou na Escola Politécnica, tendo concluído o curso de Engenharia Civil, mas nunca exerceu a profissão. Sua real vocação era o magistério. Já a essa época regia turmas suplementares no Externato do Colégio Pedro II. Foi, assim, professor por mais sessenta anos. Quando, porém, passou a lecionar, começou com História, a seguir Geografia e Física. Só depois é que lecionou Matemática. O gosto pela matéria lhe veio das aulas do Professor Henrique César de Oliveira Costa. No entanto, conta J.B. Mello e Souza em Meninos de Queluz, Júlio César, quando garoto, não era dos melhores alunos, nem em Português nem em Matemática... Era dispersivo nos estudos. E: “Se compunha uma historietta, era certo criar personagens em excesso, muitos dos quais não tinham papel nenhum a desempenhar, dando-lhes nomes absurdos, como Mardukbarian, Orônsio, Protocholóski”.

Isso não impediu que se tornasse autor da vasta obra literária, docente da antiga Escola Normal e detentor de várias cátedras de Matemática: no próprio Colégio Pedro II (Internato), por doze anos; na Universidade do Brasil (Escola Nacional de Belas Artes), mais tarde transferido para a Faculdade Nacional de Arquitetura, no Instituto de Educação, no Rio de Janeiro e em outros estabelecimentos. Teve, também, larga atuação no rádio e na televisão. Trabalhou nas Rádios Nacional, Clube e Mairink Veiga, do Rio; na TV – Tupi, do Rio; no Canal 2, de São Paulo. Alguns de seus contos foram radiofonizados.

Malba Tahan faleceu no dia 18-06-1974. Estava no Recife-PE, a convite da Secretaria de Educação e Cultura, a fim de dar um curso, sobre “A arte de contar histórias” e outro sobre “Jogos e Recreações no ensino da Matemática”, no Colégio Soares Dutra, quando foi surpreendido pela morte às 5:30 horas, no hotel, no Hotel Boa Viagem, onde se encontrava hospedado com a esposa. Morreu, aos setenta e nove anos de idade, de edema pulmonar agudo e trombose coronária. Seu corpo foi trasladado para o Rio de Janeiro, onde foi sepultado.

Malba Tahan era muito organizado, e mantinha, em grande número de álbuns, seus recortes de jornais, fotos (muitas de suas conferências) e anotações de viagens. Tinha uma grande biblioteca, especialmente de livros infanto-juvenis, e costumava guardar as cartas que recebia. Guardava, também, papeletas de jogo de bicho, que fazia por métodos científicos. Esse acervo, que incluiu também todos os seus livros autografados, originais, medalhas, placas, documentos diversos, objetos pessoais, sua coleção de sapos de materiais diversos, foi conservado pela filha Sônia Maria e oferecido pela família à Prefeitura de Queluz.

./.